



ORDO FRATRUM
MINORUM

Irmãos e Menores Hoje

A Ordem neste tempo

Fr. Massimo Fusarelli, OFM
Ministro geral
Roma, 8 de dezembro de 2024



Quase três anos e meio após o Capítulo Geral de 2021, considereei que era o momento oportuno para restituir aos irmãos da Ordem uma visão sobre a nossa situação atual. Uma leitura que me sinto obrigado, porque me foi confiado um serviço a ser devolvido no Pentecostes 2027 e é bom que os irmãos possam perceber como estamos escutando a Ordem no mundo como Definitório geral e serviços de animação da Cúria, a fim de promover o que o Capítulo Geral nos confiou.

Reli com calma a Carta de Pentecostes do ano 2000 – *A Ordem hoje* –, escrita por Fr. Giacomo Bini, então Ministro geral, e considereei-a ainda atual. Agora, graças à escuta de tantos de vocês, me pergunto onde estamos e quais perspectivas estão abertas diante de nós.

Antes de tudo agradeço ao Altíssimo bom Senhor por todos vós, amados irmãos, pelo bem que vejo semeado entre nós e que muitas vezes não conseguimos ver, mas há. Sou grato pela fidelidade dócil de muitos irmãos idosos, pelo entusiasmo dos mais jovens, pelo desejo de recomeçar de não poucos frades maduros, pelas lutas que muitos sustentam por uma fidelidade sofrida, pelo compromisso de tantos ao lado das pessoas e dos pobres. Agradeço também pelo caminho “sinodal” que está em curso na Ordem, graças aos Capítulos das Esteiras que muitas Entidades estão vivenciando e que culminarão no Capítulo Internacional das Esteiras de 1 a 8 de junho de 2025, na Porciúncula, e depois no Conselho Plenário (8-11 de junho de 2025). Sentar-se com leigos/leigas e religiosas franciscanas para escutar o que o Espírito nos diz é uma novidade para nós que, tenho certeza, trará muito fruto.

Começo pela palavra de Deus que escutamos no livro do profeta Ezequiel em cap. 37, 11-14:

«Filho de homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eles dizem: ‘Nossos ossos estão secos, nossa esperança acabou, estamos perdidos!’. Por isso, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Ó meu povo, vou abrir vossas sepulturas! Eu vos farei sair de vossas sepulturas e vos conduzirei para a terra de Israel. Ó meu povo, quando abrir vossas sepulturas e vos fizer sair delas, sabereis que eu sou o SENHOR. Incutirei em vós o meu espírito e revivereis’».



Parece-me que também conhecemos a tentação dos exilados da Babilônia. A mudança de época e a mutação antropológica em ação nos obrigam a repensar como compreendemos o nascer, o viver e o morrer; os incríveis avanços no campo da ciência nos obrigam a repensar – também graças a um compromisso mais generoso e sistemático com os estudos em vista da missão¹ – a nossa identidade, o nosso lugar no mundo e a nossa vocação à transcendência; o declínio das vocações em algumas áreas e sua elevação em outros lugares, juntamente com os desafios que atingem a paz, a nossa casa comum e a liberdade religiosa, pedem de nós muito discernimento para reconhecer a presença e a ação do Senhor entre nós e ao nosso redor.

Podemos nos fixar no que não funciona ou nos conformar com o que já existe, suportando a mudança em ação. Procuo, então, graças à escuta de tantos de vós no mundo, reconhecer o sopro do Espírito sobre os nossos ossos secos: é ele que nos faz olhar para as pessoas e situações de um ponto mais alto para ousar mais e cuidar da nossa vida segundo o Evangelho, recomeçando com poucas escolhas, essenciais e concretas.

A celebração do Centenário Franciscano 2023-2026 está nos ajudando, juntamente com os Capítulos das Esteiras, cujo fruto estamos esperando para compartilhá-lo todos juntos.

Ofereço-vos esta leitura nos três pontos que o Conselho Plenário de Nairobi de 2018 nos entregou²:

- ❶ **Irmãos e menores**
- ❷ **Contemplativos hoje**
- ❸ **Em missão com e entre os pobres**

¹ *Estudos e missão da Ordem dos Frades Menores hoje*, Carta de Fr. John Vaughn, Ministro geral (13 de junho de 1981); Secretariado geral OFM para a Formação e os Estudos, *Ratio Studiorum*, 28-30 e Parte II, Roma 2001.

² *Quem tem ouvidos escute o que o Espírito diz ... aos Frades Menores hoje*, Documento CPO, Nairóbi 2018, n. 92.

Irmãos e Menores

O Capítulo geral 2021 nos pediu para continuar a aprofundar nossa identidade de irmãos e menores. Fazemos isso há pelo menos sessenta anos. Quando chegará o momento para um verdadeiro recomeço, para viver como irmãos e menores num tempo que nos dirige apelos novos e inadiáveis?

Fermento de fraternidade em um mundo dividido

Certamente descobrimos que ser irmãos e menores hoje significa responder de novo a este chamado num mundo cada vez mais dividido, violento e contaminado pela mentalidade da guerra. As realidades diferentes dos povos e das culturas são muitas vezes rejeitadas, minimizadas, reduzidas a ossos secos e mesmo impedidas em nome de um modelo de desenvolvimento que não coloca no centro a pessoa humana mas os interesses de um número cada vez menor de pessoas.

Ser irmãos e menores assume, portanto, uma dimensão fortemente profética de anúncio e de denúncia. O anúncio é o chamado de Deus para sermos seus filhos e, portanto, irmãos entre nós. Desta unidade fundamental podemos unir as diferenças, as identidades que correm o risco de combaterem-se até se destruírem mutuamente, a negação mesma do princípio de fraternidade, que o Papa Francisco nos ofereceu na *Fratelli tutti*³. De fato, o paradigma da conquista e eliminação do outro prevalece ao nosso redor de muitas maneiras.

Como não ver que neste momento da história as guerras e os conflitos, juntamente com a mudança climática, são realidades que aumentam ano após ano o número de migrantes e refugiados no mundo, com todas as consequências que dessas advêm, inclusive a pressão para fechar fronteiras e corações?

Por isso, como não denunciar tudo o que reduz os seres humanos a instrumentos de um desenvolvimento que atinge só uns poucos, que nega a dignidade infinita de cada pessoa? Que não cuida da casa comum e a torna uma sala reservada para poucos privilegiados?

Os sinais dos tempos interpelam com força a nossa responsabilidade de irmãos e menores para cuidar da casa comum e ser mediadores de paz.

Esta denúncia torna-se cada vez mais urgente. Nas minhas viagens posso ver em primeira mão muitos conflitos étnicos, tribais, regionalistas e culturais, que chegam até às manipulações da religião para fins políticos.

³ PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Fratelli tutti*, Roma 2020, n. 6-7.



Um dos mais belos sinais que encontro é ver como tantos de nós permanecem em muitos lugares de fratura, entre as periferias mais dolorosas e esquecidas, muitas vezes marcadas pela guerra, pelo risco da vida e da violência e por uma grande pobreza.

Permanecer, cuidar do que é humano, não é, quem sabe, o primeiro anúncio do Evangelho, sinal da fraternidade franciscana, humilde e solidária?

Não aprenderemos, talvez, a arte de nos tornarmos irmãos e menores justamente nos lugares de fratura e não em ambientes protegidos e distantes da realidade? Por isso, recolocamo-nos *como peregrinos e forasteiros*⁴ nas estradas do povo de hoje, sobretudo naquelas que são mais poeirentas e difíceis, e o caminho do Evangelho se abrirá.

Verdadeiramente irmãos

Este anúncio e denúncia partem, antes de tudo, da realidade da nossa vida de irmãos e menores. O artigo 1º das Constituições afirma claramente que “a Ordem é uma fraternidade”. Portanto, essa é constitutiva da nossa identidade. Devemos sempre nos recordar disso, porque se o dom de ser irmãos é tão grande, também é frágil e ferido. Escuto dos irmãos, em diferentes partes do mundo, a beleza deste dom, com a alegria da pertença, que em algumas regiões e culturas se torna mais intensa, enquanto em outras é necessário um esforço maior para se manifestar. É impressionante ver as diferenças entre continentes e culturas.

Ser irmãos é antes de tudo um ambiente, feito também de relações humanas das quais cuidamos. Por isso, a qualidade da comunicação entre nós é muito importante, e muitas vezes é muito pobre. Muitos irmãos no mundo me dizem ou escrevem-me isto. Vamos analisar seriamente!

Sabemos que no relacionamento com o outro também posso me encontrar. É a partir daqui que nos descobrimos como *pessoas em relação* e podemos aprofundar e viver nossa identidade de irmãos entre nós e com muitos outros: deixemo-nos tocar e ferir pelas relações, não permaneçamos fechados numa espécie de autismo humano e espiritual que nos faz mal, não nos faz crescer.

A necessidade de um diálogo intergeracional na vida fraterna está crescendo em toda parte entre nós, na medida em que se aprende a conhecer e a valorizar uns aos outros entre idosos, maduros e mais jovens, superando bloqueios e preconceitos. Ninguém é tão pobre que não possa enriquecer os irmãos e as pessoas!

Se junto conosco tantas pessoas de hoje têm dificuldades para viver em relação, escutemos o apelo do Papa Francisco na *Fratelli tutti* a uma “amizade social”,

⁴ RB VI,1.



como um caminho para «sonhar e pensar numa humanidade diferente»⁵. A Família Franciscana, desde as Clarissas até os leigos da OFS e as irmãs de vida ativa, é uma escola extraordinária desta amizade fraterna e posso vê-la em muitos lugares. Os Capítulos das Esteiras nos demonstram isso. Não demos por garantido nem pretendamos dos outros o amor fraterno. Começamos por nós, caso contrário o deixaremos apagar-se tristemente, até morrer.

Irmãos num mosaico de culturas

Estamos presentes em 120 países do mundo, e portanto num mosaico cada vez mais colorido de diferentes culturas, e isso tem um grande impacto na nossa realidade como irmãos. Somos chamados a ampliar o espaço da nossa tenda, acolhendo rostos e modos de ser frades menores diferentes daqueles aos quais estamos habituados. Se nas presenças mais antigas da Ordem pode haver o pensamento, muitas vezes não expresso, de “manter” uma espécie de primazia do carisma e, portanto, ser possível quase “transmiti-lo” ao outros, hoje devemos reconhecer com gratidão que esse nos vem ao encontro também das culturas, da línguas e das vivências muito diferentes. Justamente essas pedem para receber dos primeiros a beleza da tradição, viva e fecunda, e por eles serem ouvidas e apreciadas de uma maneira nova. Por isso, a comunicação e o intercâmbio entre as nossas realidades continentais e as diferentes Entidades é cada vez mais importante⁶ e ninguém pode fechar-se em si mesmo. Aliás, queremos escutar os mais jovens entre nós. O recente encontro, em Assis, de 155 professos temporários da Europa foi um exemplo muito bom e promissor deste método.

No mundo, o carisma está vivo e assume novas tonalidades. Da abertura a outras religiões e culturas da Ásia, do vigor da alegria da fé na África, da atenção à realidade da América Latina, da presença no mundo pós-secular do Ocidente, estamos numa tribulação fecunda. Há, no entanto, desdobramentos e expressões inéditas da nossa vida evangélica que nos pedem para cuidar delas, tanto na escuta mútua como na inculturação.

Não identifiquemos o carisma com algumas formas históricas, acolhamos o dom do Espírito, sempre novo e surpreendente, capaz de nos fazer viver novamente, de “nos recolocar a caminho”! Será esse, quem sabe, o presente que sobretudo os irmãos da África e da Ásia já nos estão dando?

⁵ PAPA FRANCISCO, *Fratelli tutti* n. 127.

⁶ *Respondendo ao convite do Espírito Santo como Irmãos Menores na Igreja e no mundo*, Documento Final do Capítulo Geral 2021 (= DF), Mandato n. 33.



➤ *Precisamos de laboratórios concretos de internacionalidade, como nos pediu o Capítulo ⁷. Nossa história nos fechou demais na autonomia das Províncias, agora muito escassa. Parece-me que chegou o momento de refletirmos juntos e decidirmos sobre Fraternidades internacionais e interprovinciais, partindo das casas para a formação inicial, onde os diferentes candidatos podem superar suas fronteiras e confrontar-se com outros mundos. Algumas dessas casas já existem; podemos dar passos mais decisivos e o Capítulo Geral de 2027 poderá discuti-los.*

➤ *Estas fraternidades não são se referem apenas à formação. Em Londres está se constituindo uma fraternidade internacional de presença, de missão e de caridade, para apoiar a vida e a missão naquele país onde os primeiros frades chegaram em 10 de setembro de 1224. Em diferentes realidades missionárias as fraternidades são internacionais. Certamente é mais empenhativo e muitos sonham em poder voltar às “suas” missões, mas esta abertura é um sinal profético num mundo que se fecha em fronteiras anacrônicas, tornando-se, portanto, anúncio do Reino. Não desanimemos!*

➤ *Como Definitório geral, quisemos que o Encontro dos professores temporários da Europa em Assis, no passado mês de julho, fosse o espaço propício para escutar o que eles nos falam sobre o presente e o futuro da nossa presença naquele continente. Sua resposta foi extraordinária e nos dá confiança. É importante considerar os nossos irmãos mais jovens na vida franciscana como protagonistas do caminho e não apenas como destinatários. Por que não pensar em encontros semelhantes em outras regiões?*

➤ *Deste encontro dos Professores temporários recebemos a confirmação e o impulso para trabalhar em diretrizes “para o melhor uso das mídias sociais, levando em conta os contextos culturais e geográficos, e também protocolos para o tratamento das dependências de mídias sociais”⁸.*

➤ *A Comissão para o Diálogo Ecumênico e Inter-religioso continua seu serviço, respondendo ao apelo direto e urgente pelo diálogo intercultural em um mundo cada vez mais marcado pelo sinal dos tempos de um aumento crescente do número de migrantes.*

⁷ DF, Mandato n. 33.

⁸ DF, Mandato n. 16.



Irmãos em obediência recíproca

A primeira escola para se tornar menor é a fraternidade. São Francisco recorda-nos que devemos acolher-nos uns aos outros como um dom e permanecer interdependentes na obediência recíproca⁹. Obediência antes de tudo ao Evangelho, à vida e aos irmãos concretos. Esta é a escola que nos torna irmãos e menores entre nós e com muitos. Precisamos reassumir o vínculo de obediência, que é central em São Francisco. Embora veja com gratidão que muitos de nós vivemos em espírito de obediência, mesmo quando se torna mais difícil, não posso esconder que para muitos frades a obediência parece ter-se tornado uma opção individual livre. Recordo com força que desta forma se põe em risco a própria salvação integral, fechando-se na afirmação exclusiva de si.

Damos a esta atitude o conhecido nome de individualismo. Refiro-me, aqui, às formas egoicas de narcisismo que atravessam as culturas nas quais estamos imersos. É certamente verdade que em nossa tradição é importante a centralidade e o valor de cada pessoa com sua unicidade, o indivíduo precisamente. O problema surge quando se instala um direito particular que é dado por absoluto, em detrimento dos outros, com a afirmação exclusiva das próprias necessidades e exigências. Não vemos nisso, talvez, a realidade daqueles que de forma independente gerem suas próprias vidas, os serviços, o dinheiro, os tempos e os relacionamentos?

A obediência não é apenas um sim formal a uma transferência de vez em quando. É uma questão de pertença recíproca, de confiar e entregar-se à fraternidade¹⁰, de «carregar cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo»¹¹. ». Se não encontrarmos juntos este vínculo, que não é opcional, estamos fora do espírito e da vontade de Francisco e nossa fraternidade desmorona.

Não é fácil viver assim quando tantas sereias do nosso tempo nos dizem “seja você mesmo”, empurrando-nos para um desenvolvimento individual absoluto e desvinculado dos outros, sem luta e transcendência.

Prefiramos nos tornar *livres de* condicionamentos, para que possamos viver em relação com os outros.

Como tudo isso é verdadeiro quando um irmão começa a se distanciar da fraternidade, primeiro sintoma da crise humana e vocacional. Aprendamos a nos fazer próximos uns dos outros, cuidemos das horas alegres e daquelas difíceis de cada um, com misericórdia. O Espírito sopra aqui sobre os ossos secos da nossas supostas autonomias para nos fazer reviver; não tenhamos medo de acolhê-lo!

⁹ Cf. *RnB* IV,3.

¹⁰ Cf. Fórmula da Profissão, in CCGG Art.5, §2: «Entrego-me, pois, de todo o coração a esta Fraternidade».

¹¹ *Ad* V,8.



Hoje, a redução dos números e as várias formas de vulnerabilidade que experimentamos também fazem parte da nossa obediência em minoridade. Não podemos negá-las ou considerá-las uma espécie de “desgraça”. É simplesmente uma realidade a ser considerada e através da qual o Espírito nos diz algo importante, assim como em outras passagens difíceis e dolorosas que estamos vivendo.

Mesmo com a presença de muitos irmãos idosos e doentes entre nós, o Espírito nos convida a olhar para nossa realidade de um ponto mais alto. O Espírito faz-nos tocar com a nossa própria mão a nossa fragilidade e também a nossa capacidade de cuidar uns dos outros. Em quantos irmãos idosos e doentes no mundo vejo a luz da ressurreição e a paz de um longo percurso de vida franciscana! Demos graças ao Senhor por estas sementes de vida e confiemos a Ele aqueles que vivem com mais dificuldade e solidão neste tempo de vida, no qual podemos continuar a viver segundo o evangelho, nossa Regra.

Escutemos o que o Espírito nos diz através da vida frágil de muitos irmãos.

➤ *A obediência recíproca exige também que tenhamos a coragem de ver juntos as nossas estruturas atuais, desde a Cúria Geral até às Conferências, e começamos como o Capítulo geral¹² nos pediu. Na Cúria, a verificação foi feita em escala e foram encontradas mediações para promover a colaboração entre os Escritórios, de uma forma mais organizada para aqueles de animação, isto é, Missões e Evangelização, Formação e Estudos e JPIC. Este estilo está também sendo levado à animação das Conferências, que necessitam urgentemente de renovação, incluindo as Uniões de Conferências, para que se tornem mais operacionais e não tão decorativas no nosso quadro institucional. Por isso, fortalecemos o encontro anual dos Presidentes, querendo torná-lo quase um Definitório “ampliado” e conferindo-lhe o poder de aprovar o orçamento anual da Cúria geral como estilo e prática de economia fraterna transparente. Um grande passo!*

➤ *Também começamos a estudar a história das Conferências e a repensar esta mediação. É um trabalho aberto. Enquanto isso, a Conferência Africana será dividida em Conferência Anglófona (inclui os lusófonos) e Francófona, enquanto a Terra Santa, o Egito, Marrocos e a guardiania da Turquia formarão ad experimentum a Conferência do Sul do Mediterrâneo. A COMPI e a CONFRES tornaram-se uma só Conferência em outubro deste ano. A ESC está repensando sua estrutura futura.*

¹² Cf. DF, Mandato n.31.



➤ *A reflexão sobre as estruturas alcança até a organização dos serviços de formação, de missão. Agora é evidente para muitos de nós que herdamos uma estrutura pesada demais para nossas forças reais de hoje e para a diferente disponibilidade de meios que temos. Muitas vezes as repartições dos escritórios a serem preenchidas são mais do que frades! Estou incentivando algumas Entidades e conferências para que simplifiquem a estrutura, para que integrem serviços e áreas de animação. Para isso, é preciso ter coragem de experimentar, proporcionando agora as dispensas necessárias e preparando assim com a experiência uma revisão da nossa legislação.*

➤ *Acompanhamos e orientamos os processos de reestruturação das Entidades em várias partes do mundo, tanto para a união das Entidades como para o nascimento de novas, com todas as questões, muitas vezes muito complexas, que estes caminhos trazem consigo. África é o continente que vê mais Entidades nascendo, a Europa e a América do Norte mais uniões, a Ásia e a Oceania novas Entidades tomando forma ou tendo que repensar sua estrutura atual.*

➤ *Isto inclui também a necessidade de repensar as estruturas e conteúdos das etapas formativas, adaptando-as melhor às condições de hoje que mudaram¹³. Visitando as Entidades devo reconhecer que estamos um pouco travados no repensar e alimentar os percursos formativos. Temas como o acompanhamento, o colóquio formativo, a fraternidade formativa e outros são repetidos. Vejo que muitos estão conscientes de que o sistema atual das etapas formativas é insuficiente para as gerações mais jovens. O Cuidado pastoral com as vocações também exige mais atenção e inovação nos métodos, nas linguagens e nas práticas. Por isso, pretendo pedir ao Capítulo Geral de 2027 um mandato para repensar profundamente a Ratio Formationis Franciscanae da Ordem.*

➤ *Os estudos na Ordem também devem ser relançados, tendo em conta os nossos pontos fortes reais e o perfil dos nossos candidatos. Continuamos também a verificar o progresso, a qualidade acadêmica e a organização da Pontifícia Universidade Antonianum, em vista do futuro. Enquanto o projeto da Universidade Franciscana está paralisado por causa de diferenças de visão sobre o nascimento de um novo instituto que incorporasse os anteriores, a Santa Sé continua a revisão das instituições acadêmicas romanas e estamos totalmente disponíveis.*

¹³ Cf. DF, Mandatos n. 11-13.



Irmãos menores... e basta!

O Capítulo geral nos pediu para aprofundar nossa identidade, a de todos, não só a dos irmãos leigos¹⁴. E fazê-lo escutando precisamente aqueles irmãos entre nós que respondem ao chamado para serem frades menores, simplesmente. É um aspecto do nosso viver *sine proprio*, que para Francisco corresponde ao próprio modo de ser de Cristo durante toda a sua vida. Ele se fez o nosso caminho e abre-nos a estrada para vivermos como irmãos e menores. Com este chamado o Senhor nos deu tudo, especialmente para sermos os irmãos mais pequenos, que podem estar no último lugar, aquele que permite entrar em relação com todos, sem competir com ninguém.

Iniciamos os encontros continentais dos irmãos leigos para responder ao pedido do Capítulo geral, a mais alta autoridade da Ordem. Foram momentos importantes. Sei que houve alguma resistência em vários frades sobre isso. Escrevi e expliquei em várias ocasiões que esta é uma obediência que devemos ao Capítulo. Uma obediência motivada, por um lado, pela diminuição do número dos irmãos e, por outro, sobretudo, devido ao enfraquecimento do sentido mais profundo da nossa vocação, que é ser simplesmente irmãos e menores. Não podemos renunciar a esta singularidade da nossa vocação.

O que direi parecerá absurdo: que me tirem até mesmo o ministério presbiteral em vez da realidade de irmão e menor. Posso continuar a responder à vocação franciscana sem ser padre, não posso fazê-lo sem ser irmão e menor.

Em muitas regiões da Ordem, também e com frequência sobretudo naquelas onde estamos crescendo em número, prevalece o elemento clerical que, não bem compreendido e vivido, corre o risco de ofuscar seriamente a nossa identidade mais profunda.

Parece que para muitos irmãos entrar na Ordem tem como primeiro objetivo tornar-se padre e não antes de tudo irmãos e menores. Em algumas regiões, a entrada em um instituto religioso é uma rota mais viável do que a dos seminários. Em muitas partes do mundo, o ministério ordenado ainda garante um status social mais elevado, o acesso a oportunidades econômicas e também confere uma certa aura sacra. Em outros lugares, o ministério ordenado é feito para coincidir com uma visão vertical da Igreja e com uma aspiração acima de tudo individual, em vez de ser resposta ao chamado da Igreja. Vemos também como, muitas vezes, esteja faltando entre nós uma boa e saudável teologia da vida religiosa, nos moldes do seguimento, e do ministério ordenado, nos moldes do serviço.

¹⁴ Cf. DF, *Mandatos* n. 1 e 2.



Pergunto-me o que aconteceria se renunciássemos ao ministério ordenado e nos encontrássemos vivendo em nossas fraternidades como irmãos e menores. Eu sei que vocês estão sorrindo enquanto me estão lendo. Vamos apenas imaginar por um momento. O que restaria de nós? Como repensaríamos nossa vida e missão? O que faríamos com a maioria das nossas presenças, que ainda estão definidas numa pastoral que gira muito em torno do ministério ordenado? Como nos enxergaríamos numa Igreja que ainda está muitas vezes muito focada no ministério dos padres? Quem seríamos nós como religiosos entre o povo de Deus? Esta pergunta é sempre válida, mesmo agora que para 85% somos irmãos clérigos.

Por isso, devemos rever os nossos itinerários de formação inicial para anunciar com mais coragem e liberdade a especificidade da nossa vocação e não “empurrar” ninguém para o ministério ordenado. Ao mesmo tempo, devemos aprofundar o seu sentido teológico e operar cuidadosamente o discernimento necessário e rigoroso daquilo que permanece como um chamado da Igreja e não uma escolha individual. A maioria de nós vive a vocação de frade menor juntamente com a do ministério: não demos como um dado adquirido este duplo chamado, antes aprofundemo-lo, desde o coração do nosso carisma e para um serviço fecundo ao povo de Deus como frades menores.

Estou confiante de que os encontros de Conferência, que estão em curso, e aquele internacional do próximo ano, nos darão um renovado impulso para não renunciar à nossa vocação de irmãos e menores. Que possamos redescobri-la como a profecia para a qual o Senhor nos chama para este tempo, ferido por tantas divisões, e para a nossa Igreja que, ao tentar percorrer um caminho sinodal, experimenta também tantas resistências e muitas nostalgias de um modelo passado que já não existe. Procuremos antes o que é gerador de vida e fraternidade segundo o Evangelho, e como temos grande necessidade disso em todo o mundo.

Irmãos em relação com coração puro e corpo casto

Podemos sempre recomeçar a viver como irmãos, na medida em que soubermos superar a autorreferencialidade, hoje tão difundida. Essa nos impede de «servir, amar, honrar e adorar o Senhor Deus com um coração limpo e com a mente pura, pois é isto que ele deseja acima de tudo»¹⁵, de modo «que o recebamos com o coração puro e com o corpo casto»¹⁶.

A beleza da castidade consagrada, à qual fomos chamados, faz parte deste caminho. Segundo São Francisco, essa começa na nossa vontade, nos afetos e nas palavras que a expressam. No fundo é a expressão de uma vida obediente e *sine proprio*,

¹⁵ *RnB* XXII, 26

¹⁶ *2Fi* 14.



capaz de se encontrar no dom de si mesmo¹⁷. Por isso atinge a pessoa inteira, até à corporeidade e sexualidade. Agradeço ao Senhor a generosa resposta de muitos e muitos irmãos a este dom. Uma experiência casta transparece em toda a pessoa, purificada da malícia, do espírito de posse e da busca de um bem-estar individual exclusivo, de uma auto-realização que deixa os outros em segundo plano, de formas de auto-satisfação para as quais tudo seria permitido, até mesmo a livre expressão da própria sexualidade. A dinâmica evangélica, por outro lado, é aquela do amor que se doa na perda. Nossa afetividade e sexualidade, extasiadas por natureza, orientam-se para além de si mesmas, para o dom de si: «nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte»¹⁸. O amor que se doa faz-nos passar pela morte e abre-nos à vida plena.

Sabemos que a castidade é um tesouro que carregamos em vasos de barro¹⁹. É um chamado exigente e nos pede uma luta para aderir ao Senhor Jesus, obediente, sem nada de próprio e casto.

Podemos vivê-la bem, crescendo como *pessoas em relação*, para amar naquela liberdade que Cristo nos doou e que nos torna verdadeiramente livres²⁰. Experimentamos que é um chamado extraordinário! Por isso, não o neguemos nem o mortifiquemos com escolhas e comportamentos contrários ao dom de nós mesmos.

Este caminho é urgente nas diferentes culturas em que vivemos. A cultura ocidental, com as suas formas de individualismo e a suposta liberdade que carrega, não expressa todos os sentimentos do mundo. Vivemos em realidades e em contextos onde este discurso é muito sensível e exige atenções diferentes: aprofundemo-lo sem querer impor um modelo ao outro, mas bebendo sempre nas fontes de uma antropologia iluminada pela revelação.

Se não crescermos nesta dimensão, a realidade de irmãos que vivem juntos pode transformar-se num campo de “ossos secos”, devido às solidões bem treinadas, assim como aos conflitos muito fortes ou latentes, especialmente quando entre nós entra a busca pelo poder, pela afirmação de um grupo, pela manutenção de certos privilégios e pela afirmação identitária e exclusiva de alguns em detrimento dos outros. Infelizmente, isso está presente em não poucas de nossas Entidades.

¹⁷ *Gaudium et Spes*, 24: «o homem ... não pode encontrar-se plenamente senão através do dom sincero de si».

¹⁸ *1Jo* 3,14.

¹⁹ *2Cor* 4,7.

²⁰ Cf *Jo* 8,36.



Digo isto com grande tristeza, mas não posso ficar calado. Os abusos de poder, de consciência, de dinheiro e sexuais encontram aqui as suas raízes e denunciam como, muitas vezes, a nossa maturidade humana é insuficiente e como, na raiz, Deus já não constitui mais o centro vital da nossa vida, que procuramos noutra lugar.

Não podemos negar que estas realidades negativas pesam também sobre os irmãos em dificuldades humanas e/ou vocacionais. É necessário promover um verdadeiro clima de fraternidade, para que possamos curar as feridas das nossas histórias pessoais e institucionais e nos reconciliarmos²¹.

O Senhor tenha misericórdia de nós, nos conduza à verdadeira conversão e a uma penitência sadia para crescer no amor que se doa e irradiar o amor do Pai: casto, gratuito, jamais exclusivo.

➤ *Para aprofundar esta importante dimensão, nós, como Definitório geral, demos mandato ao Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, com uma comissão internacional também composta por mulheres, para trabalhar em um documento sobre afetividade, sexualidade e castidade consagrada, incluindo o discurso sobre a orientação sexual, hoje tão sensível e necessitado de linhas compartilhadas. Será útil também para o acompanhamento dos irmãos em dificuldade, como solicitado pelo Capítulo geral²².*

➤ *O Capítulo geral de 2021 nos pediu para estabelecer uma Comissão internacional para a Tutela dos Menores e dos Adultos vulneráveis²³. Nós o fizemos imediatamente e, ao mesmo tempo, quis um novo Escritório na Cúria geral dedicado a esta área tão importante hoje. O Escritório quer promover a formação e a prevenção nas Entidades, acompanhar a elaboração dos Protocolos para a Tutela em cada Entidade, após o Capítulo geral os ter tornado obrigatórios. Além disso, o Escritório acompanha a formação de frades nas diferentes áreas da Ordem para promover formação e prevenção, juntamente com cursos específicos como os realizados em Nairóbi, na América Central, na Croácia, na Itália, na Áustria e outros lugares. Um grande e exigente trabalho para acompanhar a maturação de uma mudança decisiva de mentalidade e cultura neste sentido, aprendendo cada vez mais que a Tutela não é uma mera necessidade, mas uma oportunidade, uma graça de conversão e crescimento para nós neste tempo.*

²¹ Cf. Respondendo ao convite do Espírito Santo como Irmãos Menores na Igreja e no mundo, Documento Final do Capítulo Geral 2021 (= DF), Mandato n. 14.

²² DF, Mandato n. 14.

²³ Cf. DF, Mandato n. 9.



➤ *Nós escolhemos como Definitório, após um discernimento muito cuidadoso e muitas vezes doloroso, intervir em algumas Entidades por ocasião dos Capítulos e ajudados pelo bom trabalho dos Visitadores gerais. Estamos acompanhando diferentes Entidades. A mudança que está acontecendo na nossa Ordem revela o serviço de animação e governo da Cúria geral como cada vez mais importante, não para uma centralização administrativa, mas para nos apoiar num tempo que exige escolhas e modalidades novas para que não nos limitemos apenas em sobreviver. Isto vale para todos, mesmo para as Províncias com muitas vocações. Os números, na verdade, não são suficientes, precisamos de qualidade e clareza de onde queremos ir juntos. Isto pedirá ao Capítulo geral repensar funções e a composição do Definitório geral em vista de um serviço mais amplo e capilar de animação e de acompanhamento.*

Contemplativos hoje

Já na sua Mensagem à Ordem «A vida com Deus» de 1970, o então Ministro geral, frei Constantino Koser, recordou-nos lucidamente a beleza e a complexidade da dimensão da fé, central na vida dos Frades Menores²⁴. E a Declaração do Capítulo geral de Madrid nos lembra que «no coração da vida franciscana, como se pode ver pelos escritos de Francisco e de outros textos, há uma experiência de fé em Deus, realizada num encontro pessoal com Jesus Cristo»²⁵.

Fr. Herman Schalück, quando era nosso Ministro geral, disse-nos: «como consagrados, nossa peculiaridade é surpreender o Deus presente, auscultá-lo, contemplá-lo, testemunhá-lo pela nossa vida, anunciá-lo pela palavra. Nosso futuro dependerá muito da capacidade que tivermos de testemunhar o Deus presente neste mundo complexo, traduzindo em nossa vida a experiência que dele fazemos no seguimento de Jesus Cristo pobre, segundo o modelo Francisco de Assis»²⁶.

Devemos reconhecer que a consciência dessa orientação fundamental da nossa vida se enfraqueceu. Não podemos dizer, se somos honestos, que as nossas fraternidades, na sua grande maioria, estão centradas na busca do Senhor e no seu louvor, em torno da escuta da Palavra, da Eucaristia e da leitura sábia dos sinais dos tempos. Muitas vezes a nossa oração comunitária é reduzida ao “mínimo básico” - laudes, vésperas quando é do agrado - geralmente muito poucos espaços de silêncio e meditação, embora sejam solicitados todos os dias em comum pelas nossas Constituições²⁷. Raríssimos os verdadeiros eremitérios em que se pode viver no espírito da Regra para os eremitérios de São Francisco²⁸. Parece que não conseguimos colocar no centro esta simples realidade: somos frades menores porque respondemos ao chamado do Senhor para pertencer somente a Ele e daqui flui nossa vida em missão.

Não estou falando aqui apenas da observância de certos momentos de oração ou devoção. O que mais me preocupa é ver o quanto entre nós enfraqueceu-se, ou ao menos seja pouco visível e compartilhada a busca de Deus, a disponibilidade ao silêncio para permanecer em sua Presença, na escuta constante da sua Palavra e dos gemidos da criação²⁹. Pode encontrar o Senhor quem vive algum gesto de saída de si mesmo, de dedicação para fora de si mesmo, fora do devido, a fim de que se compreenda, assim, algo do mistério de Deus e reacenda-se a oração, apoiada pelo jejum³⁰ e pela caridade.

²⁴ CONSTANTINO KOSER, *Vida com Deus, Mensagem 8 de novembro de 1970*, Enchiridion OFM I, 176ss.

²⁵ *A vocação da Ordem hoje*, Declaração do Capítulo geral de Madrid, Enchiridion OFM I, 389.

²⁶ HERMANN SCHALÜCK, *Encher a terra com o Evangelho de Cristo*, Roma 1996, 111.

²⁷ Cf. EEGG 9,2.

²⁸ Cf. EEGG 15.

²⁹ Cf. Rm 8,24.

³⁰ Cf. RB III, 5-8 e CCGG 34,2.



Precisamos urgentemente deste impulso de amor. Não serão os projetos e as grandes estruturas que nos renovarão, nem os programas mundanos que nos salvarão. Realmente a questão central é: «Quando vier o Filho do homem, encontrará fé sobre a terra?»³¹. Os “ossos secos” da nossa busca espiritual podem ressurgir se receberem o sopro do Espírito para ir além de nós mesmos, rumo ao encontro com os dramas da carne humana sofredora, porque «a salvação cristã entra na profundidade da dor do mundo, que não só abrange os seres humanos, mas todo o universo, a própria natureza, a *oikos* do homem, seu ambiente de vida; ele colhe a criação como “paraíso terrestre”, a mãe terra, que deveria ser um *lugar de alegria e promessa de felicidade para todos*»³².

Há irmãos que reencontram esta dimensão e se abrem à santa operação do Espírito, permanecendo muito fiéis à vida de oração, alimentando um olhar contemplativo sobre o mundo: são uma graça para todos nós. Muitas das nossas Irmãs Pobres de santa Clara, com o seu testemunho, recordam-nos sempre esta prioridade e nós agradecemos-lhes por manterem viva a chama do carisma. O ponto é que parece tão difícil fazê-lo juntos, estamos quase relutantes em falar sobre isso, para compartilhar a alegria e a dificuldade de crer e rezar. Alguns irmãos freqüentemente se juntam a movimentos ou grupos de caráter entusiástico e emocional, nem sempre bem centrados nos pontos essenciais de uma espiritualidade verdadeiramente cristã. Outros estão ouvindo a corrente tradicionalista, que sonha com um impossível retorno a um passado mítico e que faz da liturgia um cavalo de batalha, que chega a minar a unidade da Igreja.

Parece que em nossas fraternidades este alimento muitas vezes não é encontrado e, por isso, esse é buscado em outro lugar.

Esta crise atravessa todas as realidades em que estamos presentes. Em muitos países e culturas o sentido religioso ainda é forte e difundido e aqui trata-se de evangelizar a dimensão religiosa no sentido cristão que lhe é próprio, amadurecendo e reconhecendo os sinais da secularização que chegam e já estão acontecendo.

No mundo ocidental vivemos uma época em que o fato religioso é considerado agora apenas privado e Deus se torna uma hipótese entre outras. Acreditar parece estar se tornando cada vez mais difícil e nos pede uma maneira diferente e nova de fazê-lo. Também nós somos confrontados com as formas da ausência de Deus; também nós podemos experimentar a sua distância. Não tenhamos medo deste “vazio”, vamos escutá-lo, falar sobre isso. Aceitemos até que temos de começar a acreditar novamente. Mas recomeçemos: eu vos imploro!

³¹ Lc 18,8.

³² PAPA FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial de oração pelo Cuidado da Criação 2024*, n. 2.



É preciso recomeçar a partir do cuidado com oração diária, com a Liturgia das Horas que Francisco nos pediu para ter como sinal de comunhão com a Igreja. Recomeçar todos os dias a abrir o Evangelho num tempo de silêncio, meditação e oração silenciosa. Podemos também encontrar as formas de oração da nossa tradição franciscana³³. Recordo a todos nós que é bom permanecermos humildes e fiéis à oração da Igreja, amparados pela escuta da palavra de Deus, que alimenta a nossa oração comunitária e pessoal e nos educa para uma leitura sábia e profética da história, das experiências das pessoas que encontramos, do nosso próprio caminho.

- ▶ Neste triênio, renovamos a Comissão internacional para o espírito de oração e devoção, e a incorporamos de modo orgânico no Secretariado geral para a Formação e os Estudos, para que o seu trabalho possa unir-se àquele de todo o arco formativo. No ano passado, em Assis, tivemos o encontro dos Guardiães das casas de oração, dos eremitérios e dos centros similares na Ordem, com uma boa partilha e resultados interessantes. Estão sendo redigidos subsídios para nos ajudar nessa área e para relançar essas presenças.
- ▶ Devemos retomar o compromisso com a formação permanente e examinar como propor aos irmãos períodos sabáticos regulares e bem preparados para parar, se motivar e começar de novo.
- ▶ Iniciei a revisão das Constituições das Clarissas à luz dos documentos recentes da Santa Sé. Uma Comissão Internacional está trabalhando e está em pleno andamento. É um caminho muito bom de partilha da vida e do carisma, para expressar hoje a sua beleza e suas exigências.

³³ Cf. *EEGG* 12.

Em missão com e entre os pobres

Fr. John Vaughn, então Ministro Geral, escreveu a carta «A África nos chama: uma nova presença da nossa Ordem na África», para tornar-se missionário naquele continente, com uma nova abordagem, dando atenção à interprovincialidade, à espiritualidade franciscana, à prioridade da fraternidade sobre o trabalho, à preparação adequada dos frades, ao crescimento da Família franciscana.

Desde então, a nossa presença no continente cresceu muito. O mesmo pode ser dito, de diferentes maneiras, da Ásia e da Oceania. Aquelas características recordam-nos que «todos os irmãos, sob o impulso do Espírito Santo, são enviados a proclamar o Evangelho ... Todos os frades participem do múnus evangelizador da Igreja»³⁴. Graças a este mandato, «onde quer que estejam e o que quer que façam, dediquem-se os irmãos ao ministério da evangelização»³⁵, sem esquecer que é a «comunhão fraterna, sustentada pela oração e pela penitência, o primeiro e preclaro testemunho do Evangelho»³⁶.

Enviados a...

Parto dessas citações, porque acredito que são uma boa memória do sopro do Espírito que durante séculos sempre nos impeliu a recomeçar, com humilde coragem, a sair de nós mesmos e das nossas seguranças e comodidade, também espirituais, para ir a novas terras e buscar a presença do Senhor entre povos e outras culturas, bem como entre aqueles que se tornaram estranhos ao Evangelho.

Encontro muitos irmãos que foram missionários *ad gentes* ou ainda o são, assim como outros que respondem a este chamado onde quer que estejam. Aqui sinto uma vitalidade e um estímulo contagiante. Onde a abertura à evangelização se interrompe e se limita a administrar o que existe, enquanto é possível, algo chega ao fim.

A missão continua a chamar-nos, e mesmo que sejamos menos, é importante responder para que os “ossos secos” de uma vida que corre o risco de se fechar no local possam ser reavivados pelo fogo do Espírito que nos chama à missão. Isto diz respeito a todos nós, porque nós frades menores não “nos aposentamos”, continuamos a ser missionários mesmo na doença e na velhice.

³⁴ Cf. CCGG 83.

³⁵ Cf. CCGG 84.

³⁶ Cf. CCGG 87,2.



➤ *Nestes três anos escrevi várias vezes a todos os frades, pedindo disponibilidade para as missões mais urgentes da Ordem ainda dependentes do Ministro geral: houve algumas respostas positivas para o Sudão do Sul e a Papua Nova Guiné, que agora olham com mais confiança para seu futuro. Há movimentos para a Terra Santa, para o Marrocos e para a Turquia, mas não são suficientes. Para a Rússia estamos reduzidos ao mínimo e espero respostas generosas. A nova Província “Nsa. Sra. de Guadalupe” nos EUA acolheu a presença em Cuba, que está sendo reiniciada há alguns anos e que recentemente viu a chegada de novos missionários e precisa de outros. Alguns irmãos vão ainda para missões na Bolívia, no norte da Argentina e na Amazônia.*

➤ *De acordo com o mandato 32 do Capítulo Geral 2021, entregamos as Fundações da Tailândia à Província “S. Antônio de Pádua” e a de Myanmar, à Província “S. Pedro Bautista”, ambas nas Filipinas. Para a Tailândia, optamos, com um discernimento cuidadoso, por fechar o que restou da presença anterior, vender os bens e recomeçar numa nova região do país, mais marcadamente missionária. Myanmar tem boas vocações e a presença está crescendo.*

➤ *A Província da Imaculada na Polônia, em acordo com a Cúria geral, abriu uma nova presença no Botsuana, na África, enquanto tentamos apoiar melhor aquelas que estão no Congo Brazzaville, Camarões e África Central. A Conferência Africana comprometeu-se a abrir a nossa presença na Nigéria, enquanto uma nova já começou no Gana, graças à Província do Verbo Encarnado.*

➤ *O curso para missionários, que antes era realizado em Bruxelas, agora é realizado pela Conferência da Família Franciscana em diferentes continentes; já foi feito presencialmente na África, na Ásia e na América Latina e remotamente na Europa para a missão em países pós-seculares.*

➤ *Segundo o pedido do Capítulo geral³⁷, especificamos o perfil dos candidatos à missão, juntamente com os percursos necessários, solicitando em particular um período de experiência na missão antes do compromisso mais estável. Com efeito, está crescendo a dificuldade de permanecer em missão.*

³⁷ DF, Mandato n. 17 e 18.



➤ *Estamos também revendo os 18 Vicariatos e Prefeituras Apostólicas que nos foram confiadas enquanto Ordem. O discernimento, também conduzido em conjunto com o Dicastério para a Evangelização, concentra-se sobre quais não podemos deixar por razões missionárias, ambientais e históricas e sobre quais podemos entregar, em diálogo com as Conferências Episcopais.*

Linhas compartilhadas de evangelização

Toda a evangelização que nos é confiada encontra o seu significado profundo na missão. Como nos lembrou o CPO de Nairóbi, «somos uma missão neste mundo; este é o motivo pelo qual existem os Frades Menores, e a este estamos dedicados completamente»³⁸. A missão não nos diz respeito como sujeitos isolados, mas cada vez mais também graças à presença e ao protagonismo dos leigos em nossas realidades e estruturas de animação. O caminho sinodal que estamos vivendo com os Capítulos das Esteiras nos ajude neste espírito e em práticas renovadas.

➤ *Por isso, para este tempo, ajuda-nos na reflexão a execução do mandato 20 do Capítulo geral sobre a elaboração de uma Ratio Evangelizationis para a Ordem. O processo já está bem avançado após a consulta das Entidades e o primeiro rascunho do texto encontra-se na fase final. A corresponsabilidade com os leigos na evangelização no estilo sinodal³⁹ é um apelo muito forte e urgente para nós, para superar um certo clericalismo que nos vê sempre no centro da estrutura e da condução do cuidado pastoral. Este procura ser um dos pontos fortes do texto.*

➤ *Deve-se prestar atenção também aos jovens e aos jovens adultos, na chave da evangelização e da pastoral vocacional⁴⁰: temos de reconhecer, ao mesmo tempo, que estamos distantes das suas línguas e culturas e que devemos acompanhar o ritmo do Espírito que continua a chamar os jovens à fé e a inspirar vocações.*

➤ *As paróquias e os santuários são lugares importantes da nossa presença evangelizadora. O SGME está trabalhando para atualizar os documentos para essas áreas, sempre para amadurecer como fraternidade que evangeliza nesses espaços pastorais.*

³⁸ CPO 2018, 100.

³⁹ DF, Mandato n. 25.

⁴⁰ DF, Mandato n. 13 e n. 26.



➤ *O Definitório geral criou duas comissões internacionais com o SGME para elaborar: a. um documento sobre a nossa presença e ação evangelizadora no vasto continente digital⁴¹; b. um documento que nos inspire à evangelização através da via pulchritudinis e da arte.*

➤ *O Mandato 23 do Capítulo geral nos pediu também, através do SGME, para avaliar e desenvolver o compromisso da Ordem na pastoral da educação em nossas escolas e nossas instituições educacionais. Por isso renovamos o mandato de um Animador geral para este setor, tão significativo e forte na Ordem, e que está funcionando. Não queremos reduzi-lo apenas a grandes eventos como os Congressos dos Educadores e procuramos formas de uma animação que se concentre em um projeto educativo franciscano e na colaboração em rede entre nossas instituições.*

Novas Formas: reacendendo o fogo

No triênio quis relançar com o Definitório e o SGME as Novas Formas de Presença e de Evangelização, segundo o Documento *Ite, Nuntiate* de 2018. Já foram realizados dois encontros a nível europeu, um para a América Latina e outro para a África. Em cada área, os irmãos estão trabalhando para identificar formas, lugares, tempos e frades disponíveis para novas presenças, permanecendo sempre em diálogo com os Ministros provinciais.

Devo dizer que não sinto o impulso do início do nosso século, mas há irmãos muito sensíveis em diferentes partes do mundo. É vital manter viva a pergunta e a inquietude de quantos entre nós estão procurando modos e espaços para viver uma vida franciscana centrada antes de tudo no espírito de oração e devoção e numa intensa vida fraterna, com a escolha de pequenas estruturas, presentes com e entre os pobres, num estilo sóbrio, em missões itinerantes, de serviço, de primeiro anúncio, segundo o que agrada ao Senhor nos diferentes lugares e circunstâncias.

Sei que há muitos cétricos entre nós, se não adversários. Outros têm medo de perder forças para continuar o que já existe. Estou convencido de que é necessário deixar espaço para diferentes expressões do carisma, que não permanecem apenas no âmbito do que já conhecemos. Isto não significa criar experiências de série A e B, mas ouvir o que o Espírito nos diz para um reavivamento da qualidade de nossas vidas hoje, onde quer que estejamos presentes. Não extingamos o Espírito!

⁴¹ DF, *Orientação* n. 16.



Com e entre os pobres

O lugar privilegiado da nossa presença é aquele dos pobres. Desde o encontro de Francisco com os leprosos, este é um fato incontrovertível e isso as nossas Constituições nos apresentam com uma clareza que não pode deixar de nos inquietar sempre de novo⁴². Em novembro destes três anos escrevi uma carta por ocasião do Dia Mundial dos Pobres, recordando a sua presença “sacramental” e pedindo gestos concretos de proximidade aos pobres, que são os nossos mestres com a sua simples presença⁴³. Estamos presentes em muitos lugares de pobreza, de miséria e de injustiça e desses podemos escolher ainda mais.

➤ *No triênio, respondemos ao Mandato 28 do Capítulo geral através do Escritório JPIC que está trabalhando arduamente para desenvolver a Rede Franciscana dos Migrantes, do Mediterrâneo à América Latina, e também a Rede Franciscana para a Paz e a Ecologia Integral na Ásia, aprovada pelos Ministros provinciais. Não é este um sinal dos tempos que exige de nós envolvimento e partilha, anúncio e denúncia? O Papa Francisco nos exorta muito a respeito e faz isso com o sabor do Evangelho.*

➤ *O compromisso da Ordem com a ecologia integral também faz parte deste capítulo, desde o campo acadêmico na P.U.A⁴⁴ e em outros centros acadêmicos da Ordem, até as boas práticas de animação, colaboração com leigos e outras entidades, também não-cristãos, às realidades do eco pastoral que encontrei na Ásia, a muito mais. Não menosprezamo este âmbito que, em muitas áreas da Ordem, é vital para os frades, também em termos de diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural. Aprofundemos o seu sentido e conteúdo, reconhecendo-o profundamente ligado à nossa espiritualidade e ao nosso carisma, como testemunham as nossas Constituições⁴⁵.*

⁴² Cf. CCGG 66; 96-97.

⁴³ Cf. CCGG 93,1.

⁴⁴ DE, Mandato n. 15.

⁴⁵ Cf. CCGG n.1 e n. 71.



➤ *O compromisso de promover uma economia fraterna faz parte da nossa escolha de viver como irmãos e menores. No triênio, continuamos o trabalho para organizar as finanças da Ordem e torná-las capazes de sustentar a vida e a missão. Foram importantes os encontros de Conferências entre Ministros e Ecônomos provinciais com o Ecônomo geral⁴⁶, assim como a revisão das modalidades de contribuição voluntária das Províncias à Cúria Geral⁴⁷. Estamos trabalhando na avaliação da sustentabilidade financeira de cada Entidade⁴⁸, identificando como fazer no futuro para aquelas em áreas mais pobres e que estão em crescimento.*

➤ *O serviço da Fundação OFM Fraternitas está crescendo e amadurece, assim, uma nova mentalidade de busca de fundos, de corresponsável colaboração entre a Cúria e as Entidades, superando gradualmente a mentalidade e práticas assistencialistas, coordenando a rede de vários órgãos que nos apoiam.*

Ainda podemos aprender muito a viver como os pobres e entre eles. Começemos a rever os ambientes em que vivemos, os meios à nossa disposição, a quantidade e o uso do dinheiro: um capítulo essencial se queremos reanimar os “ossos secos” da nossa promessa de viver “sem nada de próprio”. Também aqui não podemos temer e ousar mais; a Providência não nos abandona.

⁴⁶ DF, Mandato n. 7.

⁴⁷ DF, Mandato n. 6.

⁴⁸ DF, Mandato n. 8.

Conclusão

À Santa Maria, a Virgem do Advento, a cheia de graça, Imaculada desde o início da sua existência, confio com filial confiança a nossa vida de irmãos e menores, contemplativos na missão neste tempo sombrio, mas grávido da bênção do Pai para o mundo.

Ao nosso Irmão e Pai Francisco peço humildemente que não se esqueça de nós, seus irmãos, que só com grande esforço seguimos os passos de Cristo pobre, mas que queremos renovar o nosso sim com confiança, para anunciar com a vida e a palavra a Boa Nova de Jesus Cristo.

Com estes sentimentos, saúdo-vos fraternalmente e confio-vos à misericórdia do Senhor, nossa força.



Fr. Massimo Fusarelli, OFM

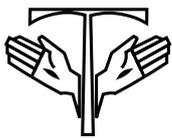
Fr. Massimo Fusarelli, OFM

Ministro geral

Roma, 8 de dezembro de 2024

Solenidade da Imaculada Conceição de Maria, Rainha da Ordem

Prot. 113575/MG-60-2024



ORDO FRATRUM
MINORUM

Curia Generalis

Via di S. Maria Mediatrix, 25

00165 Roma, Italia

www.ofm.org

